



## LINGUÍSTICA QUEER: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL E UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

### *QUEER LINGUISTICS: BRIEF HISTORICAL-CONCEPTUAL APPROACH AND A POSSIBLE APPROACH TO PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING*

**Henrique Lobo Souza<sup>1</sup>**  
**Jomson Teixeira da Silva Filho<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Tomé-Açu/PA. E-mail: henriquelobosouza2018@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Tomé-Açu/PA. E-mail: jomson08@gmail.com@gmail.com.

**RESUMO:** Este trabalho se apresenta como uma pesquisa em desenvolvimento e, portanto, apresentamos resultados parciais. De natureza teórica e bibliográfica, objetivamos apresentar, de forma descritiva, o campo de estudos da linguagem conhecido hoje como Linguística Queer, nascido especialmente a partir da Teoria Queer, divulgada, ainda que de forma prospectiva, pela Filósofa Judith Butler (1997), em quem nos baseamos epistemologicamente. Adotamos ainda como aporte teórico os trabalhos de Louro (2001; 2004) e Borba (2015; 2021) no que tange aos estudos brasileiros. Esperamos, com esta pesquisa, contribuir com as discussões em Linguística Queer e sua contribuição para com o ensino de Língua Portuguesa, por meio de uma abordagem que leve em conta a pedagogia queer e a educação linguística, conforme defendem Travaglia (2004) e Bagno e Rangel (2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Queer; Teoria Queer; Pedagogia Queer; Linguagem, gênero e sexualidade; Ensino.

**ABSTRACT:** This work presents itself as research in development and, therefore, we present partial results. Of a theoretical and bibliographical nature, we aim to present, in a descriptive way, the field of language studies known today as Queer Linguistics, born especially from Queer Theory, disclosed, albeit prospectively, by Philosopher Judith Butler (1997), in whom we base ourselves epistemologically. We also adopted as theoretical support the works of Louro (2001; 2004) and Borba (2015; 2021) regarding Brazilian studies. We hope, with this research, to contribute to the discussions in Queer Linguistics and its contribution to the teaching of the Portuguese Language, through an approach that considers queer pedagogy and linguistic education, as advocated by Travaglia (2004) and Bagno and Rangel (2005).

**KEYWORDS:** Queer Linguistics; Queer Theory; Queer Pedagogy; Language, gender, and sexuality; Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se apresenta como uma pesquisa em desenvolvimento e, portanto, apresentamos resultados parciais, ou seja, fazemos aqui um recorte de um trabalho maior que objetiva, a partir da Linguística Queer<sup>3</sup>, problematizar o discurso padronizado da heterossexualidade como a única possibilidade de se pensar as relações de gênero e sexualidade como sendo da ordem do “normal”. Nesse sentido, para utilizarmos as palavras que nos serve de epígrafe, de certa forma, queremos dar voz a quem hoje “pode” falar e, por meio de sua fala, contar uma nova história que não a da “narrativa universal predominante”, pois consideramos que os fenômenos linguísticos são também fenômenos sociais, culturais, políticos, históricos e ideológicos e que, assim, precisam ser encarados como objetos complexos” (SANTOS FILHO, 2016, p. 35), para além da ordem mesma do linguístico stricto sensu.

De natureza teórica e bibliográfica, objetivamos, com este artigo, apresentar de forma histórico-descritiva o campo de estudos da linguagem conhecido hoje como Linguística Queer, nascido especialmente a partir da Teoria Queer, divulgada, ainda que de forma prospectiva, pela filósofa Judith Butler, em quem nos baseamos epistemologicamente.

Paralelamente a isso, buscamos operar um deslocamento dessa teoria para a sala de aula como forma de entender como a discussão sobre gênero e sexualidade na escola pode contribuir para a mitigação da homofobia, da transfobia e de qualquer preconceito relacionado à comunidade LGBTQIAP+<sup>4</sup>.

Adotamos, ainda, como aporte teórico os trabalhos de Louro (2001; 2004), Borba (2015; 2020) e Santos (2020) no que tange aos estudos brasileiros. Esperamos, com este artigo, contribuir com as discussões em Linguística Queer, por meio

de uma introdução direcionada especialmente àqueles que pretendem iniciar um caminho de pesquisa nesse viés e sua relação com o ensino de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, este artigo traz o seguinte questionamento: como esta nova vertente<sup>5</sup> no campo da linguagem, denominada de Linguística Queer, pode contribuir para o enfrentamento do preconceito em relação à comunidade LGBTQIAP+ em sala de aula de Língua Portuguesa? Desse modo, esta pesquisa possui a finalidade de apresentar de forma descritiva a LQ, enquanto uma jovem tendência no campo da linguagem, direcionando investigações relacionadas à linguagem e à sexualidade e à identidade de gênero e como isso pode implicar de forma positiva no processo de ensino de Língua Portuguesa.

Portanto, abordar a LQ, é assumir um ponto de vista segundo que a compreende como um importante mecanismo de “perturbação”<sup>6</sup> social, capaz de reproduzir as relações existentes a linguagem e a comunidade LGBTQIA+, não para reafirmar discursos estereotipados, mas para desconstruir discursos de ódio e intolerância para com as pessoas que possuem afetos e/ou desejos não heteronormativo. Entendemos que essa relação que desnaturaliza esses discursos se dá, ou melhor, podem se dar por meio da junção entre Teoria Queer, os estudos linguísticos (a LQ) e a sala de aula, no nosso caso, de Língua Portuguesa.

A partir da leitura de Mazzaro (2021), assumimos ser possível, por meio de uma educação linguística que adota um conceito de língua como um processo de interação social no qual sujeitos realizam objetivos não apenas linguísticos, mas sócio-históricos, pode contribuir para a desnaturalização de certas ideologias repassadas através de discursos repetidos na sociedade. Assim, a introdução dos estudos queer em áreas do saber como a pedagogia tem um papel de fundamentação importância na luta

<sup>3</sup> Em vários momentos neste texto, nos referiremos à Linguística Queer através da sigla LQ.

<sup>4</sup> Segundo o site <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>, a sigla LGBTQIAP+ significa “Lésbicas”, “Gays”, “Bisexuais”, “Transsexuais, Transgêneros, Travestis”, “Queer”, “Intersexo”, “Assexual”, “Pansexual” e “+” se refere às demais identidades sexuais e gênero.

<sup>5</sup> Consideramos essa vertente como “nova”, uma vez que, segundo Borba (2020), a Linguística Queer se consolidou como um campo teórico produtivo a partir do final da década de 1990.

<sup>6</sup> Utilizamos esse termo com a intenção de destacar que a LQ problematiza, desnaturaliza e subverte a assunção de que a cisheteronormatividade pautada na relação homem/mulher, macho/fêmea se apresenta como a norma e o padrão a ser seguido por ser considerada a relação natural, biológica, divina.

por uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente em relação aos sujeitos LGBTQIAP+.

Nesse caminho argumentativo, este texto apresenta a seguinte configuração: na seção que se segue, descrevemos brevemente os antecedentes históricos que influenciam os estudos queer. Em continuação, respectivamente, abordamos a constituição da chamada Teoria Queer e da Linguística Queer. Em seguida, apresentamos os conceitos de educação linguística e pedagogia deslocando-os para uma perspectiva queer em sala de aula, para, então, apresentar nossas considerações quase finais.

## 2 E ANTES DOS ESTUDOS QUEER?

Desde os primórdios da humanidade, as pessoas começaram a se organizar em sociedade, pois o homem é um ser social por excelência. Já na Pré-História, por exemplo, os seres humanos sentiam a necessidade de se manter em grupos para caçar alimentos, a fim de garantir sua subsistência, caracterizando desde essa época a importância da coletividade para o progresso de uma vida em sociedade.

A vida em sociedade, dessa forma, envolve características peculiares e processos históricos que marcaram e marcam a sociedade num conflito entre padrões sociais e pensamentos que destoam, desafiam ou, mais especificamente, resistem às “normalidades” pensadas a partir de certas estruturas moldadas para manter regularidades ideologicamente situadas para certas classes sociais, etnias, religiosidades e sexualidades por meio de discursos que garantem “suas” legitimidades.

Nesse sentido, nesta seção, retomamos, menos com intenção cronológica e mais com o objetivo de compreender, de acordo com nossa visão, como alguns eventos históricos foram essenciais para a conquista de muitos direitos, o que hodiernamente conhecemos como movimentos sociais.

O final do século XVIII na França, foi marcado por diversos acontecimentos. Nesse período, o país passou por uma grande crise econômica, política e social, culminando no que ficou conhecido como a

Revolução Francesa, resultado do descontentamento do povo com regime político da época. Influenciados pelos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, a revolução acarretou o colapso da monarquia e a queda da Bastilha, promovendo a criação de uma república baseada nos princípios da nova ordem iluminista. Há, nesse momento, a primeira participação das camadas populares no processo revolucionário. Vale ressaltar a importância da cooperação das pessoas nesse processo de luta, reivindicação política, econômica e social.

O movimento feminista, por sua vez, protagonizado por mulheres que lutaram - e ainda lutam - em busca da igualdade política, jurídica e social, a fim combater o modelo de vida estruturado a partir do patriarcado, tem um importante lugar na história das “revoluções”. Segundo Costa e Sardenberg (2007) tal movimento é originário da Revolução Francesa, que, mesmo tendo internamente ao seu lema o conceito de igualdade, como vimos anteriormente, ficou restrito ao homem (sexo masculino). Contudo, com a Revolução Industrial, as mulheres passaram a trabalhar nas fábricas começaram a tomar consciência de seu papel social, não aceitando as condições as quais eram submetidas.

No Brasil, o movimento feminista surge no século XIX, iniciado por Nísia Floresta Brasileira Augusta. Já no século XX, aliou-se aos demais movimentos de luta e resistência contra a ditadura militar e, especialmente, por meio da luta pelo direito de votar e ser votada, conquistado em 1932. Durante as décadas de 60 e 70, o movimento feminista é marcado por uma grande representante, a saber, Simone de Beauvoir, adepta da teoria existencialista, na qual a liberdade é a principal característica.

A filósofa e escritora já defendia questões relacionadas ao feminismo e igualdade de gênero. Um dos seus livros mais importantes é *O segundo sexo* de 1949, no qual já afirmava: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, Beauvoir, argumenta que a mulher não nasce com uma essência definida, ela se torna o que é a partir de um discurso social pautado no binarismo, o que de certa forma, nos leva a pensar, também nesse sentido, questões sobre identidade de gênero e sexualidades para além do binarismo masculino/feminino, macho/fêmea,

homem/mulher.

Outro movimento social importante acontecido durante o século XX está relacionado à comunidade LGBTQIAP+, que se deu, digamos, oficialmente, a partir de um confronto entre policiais e militantes LGBTQIAP+ nos Estados Unidos, no dia 28 de junho de 1969. Nesse dia, houve um protesto em defesa da manutenção do clube gay Stonewal Inn, bar privado para as pessoas da referida comunidade, criado por uma mulher trans em um bairro de Nova York.

Como as leis (o preconceito) eram rígidas - para usar um eufemismo - referentes às pessoas que demonstravam afeto/desejo homossexual em público (ou não) os policiais proibiam, com uso de violência, os sujeitos LGBTQIA+ de consumirem bebida alcoólica, especificamente no Stonewal Inn, por isso, gays, lésbicas, travestis, transexuais, entre outros revidaram e não toleraram tal discriminação, promovendo um grande confronto que resultou em uma grande manifestação em prol de respeito e igualdade social, luta que ainda se perpetua até os dias de hoje, sendo essa data, 28 de junho, o dia mundial do orgulho LGBTQIAP+.

Portanto, em virtude dos fatos supracitados, é de grande valia conhecer o passado para compreender o presente, uma vez que este trabalho está ligado a questões relacionadas não apenas a linguagem, mas a questões sociais perpassadas na e pela linguagem enquanto processo social de interação humana, fazendo com que a partir das questões abordadas possamos entender como se fundamentou a Linguística Queer a partir da Teoria Queer. É sobre isso que passamos a tratar adiante Teoria queer:

### 3 TEORIA QUEER: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO-CONCEITUAL

Em sua Introdução ao livro “Discursos transviados: por uma linguística queer”, publicado pela editora Cortez, Borba (2020), no texto intitulado Linguística queer: algumas desorientações, nos relata um acontecimento muito interessante. O autor narra que, em visita ao Brasil por conta de um seminário acontecido em 2017 em São Paulo, Judith Butler foi agredida verbalmente por um grupo de manifestantes

que gritavam: “fora Butler”, “queima a bruxa”, “vá para o inferno” (BORBA, 2020, posição 93)<sup>7</sup>.

Isso se deu devido ao fato de que é Butler a responsável por uma das principais referências da Teoria Queer, a qual desnaturaliza a relação entre gênero e sexualidade, retirando essa relação do âmbito biológico que perpetua as relações de poder calcadas na heterossexualidade como o padrão que rege a sociedade. Assim

A preocupação e o desconforto que sua presença [de Butler] causou derivam do fato de ela ter popularizado uma teoria que desessencializa e desontologiza gênero e sexualidade, desvinculando-os da biologia e desnaturalizando as relações de poder que as constituem. Mas o que tem de tão assustador nos estudos *queer*? Por que incomodam tanto? E como os incômodos político-epistemológicos *queer* podem contribuir para o campo dos estudos da identidade e à ontologização da língua? (BORBA, 2020, p. , acréscimo nosso), aspas e itálico da autora).

Longe de tentar dar uma resposta redonda aos questionamentos do autor, reconhecemos com ele que esse desconforto é antigo. O que temos de novidade são os sujeitos do incômodo, diz Borba (2020).

Etimologicamente o termo “queer”, oriundo da língua inglesa, apresenta-se com sentido de “peculiar”, “estranho”, “esquisito”, “excêntrico”. Popularizou-se por meio de uma polêmica envolvendo um processo judicial contra Oscar Wilde, movido por Jonh Douglas, por conta de um caso amoroso entre Wilde e seu filho Alfred. Douglas, durante o processo, refere-se a Wilde como “snob queer” o que tornou o termo “queer” sinônimo de um insulto homofóbico .

Entretanto, se em um primeiro momento, “queer” se apresenta como um insulto, já que segundo Butler (1997), funcionava como uma injúria contra os sujeitos que se colocavam contra as hierarquias heterossexuais, num segundo momento, os grupos dos quais esses sujeitos faziam parte, tomaram o termo para si, operando um deslocamento na relação entre o significante e o significado, para usar os termos saussurianos. Agora o termo “queer” não recebe valor de ofensa ou injúria, mas é ressignificado tendo seu sentido “reapropriado”<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Estamos utilizando a referência do livro no formado digital (Kindle).

<sup>8</sup> Essas informações são retiradas de Borba (2000).

<sup>9</sup> Como parece ter acontecido com os termos “bicha” e “veado” que tem sido utilizado internamente à comunidade LGBTQIAP+ com outro sentido que não o pejorativo.

como “uma das principais estratégias de contestação queer” (BORBA, 2020, posição 135, *itálico do autor*).

Contudo, a partir do “primeiro” significado da palavra queer, o entendimento sobre a Teoria Queer começa a se tornar mais compreensível, uma vez que ela está voltada para o estudo crítico de corpos que se apresentam fora da norma heterossexual, que não possuem um centro, uma definição, que são “estranhos” e, acima de tudo, são corpos resistentes (“segundo” significado). Para Louro<sup>10</sup>

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 7-8, *aspas e itálico da autora*).

Nesse sentido, ainda segundo Borba,

o barulho<sup>11</sup> foi tão grande que as vozes das ruas atravessaram os muros das universidades. Pensadores de diversas áreas do conhecimento perceberam a força de contestação epistemológica e política desse movimento e trouxeram o desconforto queer para a academia (BORBA, 2020, posição 137. *itálico do autor*).

Ao transpor os muros da universidade e chegar à academia, os construtos teórico-metodológicos dessa teoria se pautam pela necessidade de desnaturalizar discursos baseados numa concepção de gênero e de sexualidade que reproduzem performances de corpos machos e de corpos fêmeas, como regras “corretas” de se estabelecer uma relação afetiva/erótica/sexual, consequentemente daquilo que é visto como anormal, no caso das relações que destoam desse padrão.

A Teoria Queer, então, configura-se como um movimento que começou nas ruas do Estados Unidos, por um grupo de ativistas que promoveu o esvaziamento do termo “queer” enquanto uma palavra que os atingia de forma pejorativa e se apropriou do termo para representá-los.

Conforme elucidada Butler (1997), este movimento foi uma inversão performativa da injúria, ou seja, gays, lésbicas, travestis etc. passaram a bater no peito e dizer: “sim! Nós somos esses indivíduos”. Desse modo, um termo antes usado como injúria, passa a se tornar um símbolo de orgulho e resistência.

<sup>10</sup> Aqui, Borba se refere ao evento em que Butler foi agredida verbalmente.

<sup>11</sup> Esta citação nos chama a atenção a partir do texto de Borba (2020). Entretanto, por ter acesso à obra original, optamos por não usar apud.

Em concomitância a isso, é relevante frisar a concepção de Butler (1999), a qual identifica como heteronormatividade as formas como homens e mulheres devem agir, formas essas que são repetidas discursivamente, o que para a autora são normas que limitam as potencialidades de gênero, ou seja, segundo esses discursos é “normal” que existam homens e mulheres heterossexuais, e aquelas pessoas que se colocam fora dessas possibilidades, tornam-se seres abjetos culturalmente, ininteligíveis, desprezados e, sobretudo, corpos que não importam.

Butler (2004), por sua vez, corrobora o fato de a Teoria Queer é uma crítica a essa normalização, assim como os processos que legitimam padrões não voluntários de gênero e da sexualidade. Mais que uma crítica é uma possibilidade de desconstrução da chamada “cultura heteronormativa” ou “ditadura heteronormativa” segundo as palavras de Colling (2015).

Podemos notar que a Teoria Queer se coloca contra os padrões sociais, padrões esses ditos “corretos”, “normais”. É nesse sentido que Louro (2004) afirma que a TQ não aspira ao centro, mas se opõe às normas reguladoras da sociedade apregoadas como modelos a serem seguidos, padrões que normatizavam comportamentos e performances heterossexuais com toda sua força e manutenção de seus poderes e legitimidade.

Dessa forma, o termo “queer”, “apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, da sexualidade e assim também das subjetividades” (PELÚCIO, 2014, P. 28), uma vez que os sujeitos representados pelos estudos da TQ vão se apresentar como a fronteira e o limite, isto é, o exterior dos corpos que verdadeiramente importam, aqueles que materializam a norma, ou melhor dizendo, que atendem aos padrões heterossexuais.

Borba (2020), de forma sinóptica, destaca que a TQ tem como foco principal a intervenção e a crítica à cisheteronormatividade, uma vez que não basta ser hétero, tem de ser um tipo específico de hétero, aquele que é cis.

A cisheteronormatividade é definida como um

<sup>12</sup> Doravante “TQ”.

conjunto de “estruturas, instituições, relações e ações que promovem e produzem a heterossexualidade [e a cisgeneridade] como natural, autoevidente, desejável, privilegiada e necessária” (CAMERON e KULICK, 2003 apud BORBA, 2020, p. 167).

Nessa perspectiva, ser cisgênero significa manter relações lineares e evidentes do tipo que normatizam, privilegiam e tomam como necessárias as relações “mulher-vagina-heterossexual; pênis-homem-heterossexual”.

É ainda Borba (2020) quem encerra, de forma muito clara, um conceito para os estudos queer. O autor destaca que esses estudos questionam estruturas sociais, assim como os sistemas de significação e as relações de poder naturalizadas. Os estudos queer, conforme o autor, busca reverter as desigualdades relacionadas ao gênero e à

Em termos mais crus, quer-se desconstruir a dicotomia hetero/homo e derrubar a fachada de naturalidade e estabilidade de todas as identidades. Pretende-se, com isso, reconfigurar as dinâmicas de hierarquização e valoração que esse par movimenta. É justamente aí onde reside o seu perigo e é esse o objetivo que causa tanto medo e insegurança, como demonstra o ato contra Butler em São Paulo (BORBA, 2020, posição 176).

sexualidade, desestabilizando aos alicerces que os mantém.

Para tanto, essa teoria além de dar espaço, visibilidade e valorizar as identidade dos indivíduos que se encontram a margem da normalização no que diz respeito ao gênero e sexualidade, também traz novas vozes para a investigação científica e novas possibilidade de se pensar a aula de língua como um espaço em que se pode problematizar essas questões, não com o intuito de “doutrinar” como querem deixar transparecer aqueles baseados em ideologias “heterocrístãs”, mas com a intenção de formar sujeitos críticos e reflexivos a partir de questões que estão postas em sociedade e que não podem ser negligenciadas.

#### 4 LINGUÍSTICA QUEER: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO-CONCEITUAL

Na seção dois, destacamos o fato de o homem ter como característica o fato de ser social por excelência. Isso implica também afirmar que o traço mais importante desse laço social é, sem dúvida, a

linguagem e por isso mesmo, a linguagem sempre foi objeto de estudos que buscavam entender sua relação com todas as práticas sociais que permeiam a vida humana em sociedade, pois tudo que se faz, se faz por intermédio da linguagem e mais especificamente da língua, que tem o poder de tudo representar e de tudo significar.

No tocante a isso, é interessante pensar com Borba (2015) como a chamada Linguística Queer, em seu início, foi pensada como uma área que se debruçava sobre o modo como os indivíduos gays, lésbicas, drag queens, travestis utilizavam o código linguístico. Segundo o autor

Estudava-se, assim, como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural. Ou seja, as investigações tentavam explicar como esses indivíduos faziam uso de recursos linguísticos que, à primeira vista, não estariam autorizadas usar e como essa combinação de distintos códigos, registros, sotaques, léxicos etc. construía e (des)legitimava seu lugar social (BORBA, 2015, p. 93).

Em relação a esse momento inicial, Barret (2002) define a LQ, como “o estudo da linguagem em uso incrementado com ideais da teoria queer” (p. 26). Contudo, num segundo momento, a LQ passou a ser conceituada com “o estudo crítico da heteronormatividade a partir de um ponto de vista linguístico” (MOTSCHENBACHER, 2011, p. 150 apud BORBA, 2015, p. 94).

Nesse sentido, segundo Borba (2015), passou-se, então, a investigar como discursos deixam traços na língua, discursos esses que realizados em performances linguísticas promovem a ação social que sustentam ou subvertem outros discursos. Em suma

a linguística queer tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso (BORBA, 2015, p. 94).

É assim que podemos mesmo generalizar e afirmar que os estudos queer em qualquer âmbito que em que seja realizado é perpassado por questões de linguagem e mais especificamente, pelos discursos. Discurso no sentido mesmo como o que

apresentando por Foucault (2013), ou seja, uma forma de produzir e transmitir conhecimentos e poder. Assim, discurso não é apenas uma forma de expressão ou comunicação, mas também uma prática social que molda nossa compreensão do mundo e das relações de poder que existem nele.

Com esse conceito de discurso em vista, podemos entender que a LQ busca desnaturalizar o discurso heteronormativo como normal e evidentes, discurso esse propagado pelas principais entidades que detém o poder de comunicação e político na sociedade, indo de encontro a esse discurso social de dominação heteronormativa. Nessa perspectiva, “práticas discursivas que envolvem indivíduos (homoeróticos ou não) são entendidas como parte de uma estrutura de dominação que limita as ações discursivas de maneiras variadas” (BORBA, 2015, p. 99).

Borba (2015) historiciza que a linguística queer foi inaugurada por Livia e Hall em 1997 quando da publicação de *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality*. Essa obra se constitui como uma coletânea de artigos que tratam do processo de construção de discursos de sujeitos cujas identidades sexuais são pensadas a partir de um ponto de vista performativo, ou seja, fazendo referência à teoria dos atos de fala de Austin (1962).

No que toca ao conceito de performatividade, entende-se com Kulick (2000), Santos Filho (2019), Butler (2003 [1990]) e Livia e Hall (1997), todos esses partindo de Austin (1962) que esse conceito diz respeito ao fato de que ao usarem a linguagem, os sujeitos não apenas se enunciam, mas praticam ações, agem no mundo a partir do que falam e, assim, constroem suas experiências.

Nesse caso, se a LQ surge em relação aos aspectos linguísticos, mas é oriunda da TQ conforme Butler, por outro lado, podemos afirmar que a LQ nasce de uma falta. Expliquemos. Butler não estava exatamente interessada em como os estudos queer estariam interligados com o objeto linguagem. É com o intuito de preencher essa falta que “nasce” a linguística queer.

Portanto,

a LQ requer que examinemos como falantes administram ideologias locais sobre as posições identitárias disponíveis na produção de suas identidades sexuais. O objetivo principal da LQ é investigar como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas (BORBA, 2015, p. 100).

Os estudos em LQ, então, se debruçam na investigação das identidades e da ideologia como um todo, assim como das práticas sexualizadas que surgem em contextos socioculturais determinados por discursos heteronormativos que são repetidos continuamente e passam a controlar, negociar e estruturar as sexualidades e as identidades.

Bucholtz e Hall (2004, p. 470) afirmam que a sexualidade é “um conjunto de sistemas de ideologias, práticas e identidades mutuamente constituídas que dão significados sociopolíticos aos corpos como lugares erotizados e/ou reprodutivos”. Borba (2015) ressalta que esse conceito indica que a sexualidade não nos é inerente, mas produzida em nossos corpos por meio de práticas encerradas em ideologias locais.

Faz-se mister ressaltar com Borba (2015) que para além de entender que a sexualidade não é pré-formada, mas performada, sendo essa uma primeira faceta de onde se pode partir para se fazer um estudo em LQ, não se é a única, pois a Linguística Queer, no que tange aos seus aspectos teórico-metodológicos pode se travestir de conceitos advindos da Sociolinguística, da Antropologia Linguística e das análises do discurso, uma vez que esses campos teóricos assumem o papel essencial da linguagem como mediadora entre estruturas de poder e atividades humanas.

Tendo em foco a função mediadora da linguagem, a Linguística Queer também analisa a linguagem em relação às normas e padrões de gênero e sexualidade dominantes. procurando entender como a linguagem, por meio do discurso, é usada para reforçar as normalidades heteronormativas, mas também como pode ser usada para resistir e contestar essas normas. Nesse sentido, a LQ tenta promover a conscientização sobre a diversidade de gênero e sexualidade, bem como o respeito à liberdade e à autodeterminação dos sujeitos e de suas identidades.

A Linguística Queer também toma por objeto de análise os discursos produzidos em contextos

institucionais e políticos, como a mídia, a educação e a política e a igualdade de oportunidades. Por isso, faz-se necessário problematizar como a LQ pode contribuir nas aulas de Língua Portuguesa como um importante forma mitigar preconceitos e entender como ideologias dominantes podem usar a linguagem como fonte de suas disseminações, mas também como forma de resistência de sujeitos marginalizados, seja por suas identidades sexuais e de gênero, seja por questões raciais, religiosas, sociais, dentre outras. É sobre isso que passamos a tratar adiante.

## **5 LINGUÍSTICA QUEER EM SALA DE AULA: POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA QUEER E POR UMA PEDAGOGIA QUEER<sup>14</sup>**

Nesta seção, destaca-se o evento acontecido com a filósofa Judith Butler que, como mencionamos acima, apresenta-se como uma das principais vozes que difundiram a partir a Teoria Queer.

No ano de 2015, O portal brasileiro G1 entrevistou Butler que estava no Brasil para proferir uma palestra sobre os estudos de gênero e as teorias queer no Sesc Vila Mariana, em São Paulo. Nesse evento, a filósofa recebeu acusações no local do evento, acusações sob a alegação de que a filósofa estaria no Brasil para impor a chamada ideologia de gênero. A agressão que se repete em 2017 conforme descrevemos acima a partir de Borba (2020). Sobre isso, Butler escrevesse um artigo para a folha de São Paulo nesse mesmo ano de 2017.

Marazzo (2021), nesse ínterim, levando em conta esses eventos acontecidos com Butler, destaca que as relações entre política e educação não se apresentam como um tema novo na história brasileira. Entretanto, no ano de 2014 com a inclusão do termo gênero no debate do Plano

Nacional de Educação, antecedido pelo termo ideologia, segundo Marazzo, propagou ainda mais essa chama, o que fez com que novos discursos religiosos e heteronormativos ganhassem ainda mais força, principalmente na política.

Conforme temos destacado desde o início deste trabalho, entendemos o homem como ser social por excelência e, portanto, como resultado do meio cultural no qual se estabelece e adquirindo experiências a partir daquilo que é vivido por aqueles que vieram antes dele.

Essas experiências sociais são permeadas pela linguagem e é pela linguagem que as experiências vividas pelos seres humanos são transmitidas. Sendo assim, defendemos também com Marazzo (2021) que, não há questão social, que não possa ser abordada pelos estudos da linguagem.

Aqui, queremos defender, baseando-nos ainda em Marazzo (2021) a necessidade de, a partir de uma educação linguística queer, subverter os processos de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa no ambiente formal escolar por meio de uma pedagogia queer.

Por pedagogia, entendemos “o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana” (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

Com Marazzo (2021), assumimos que a pedagogia queer, por sua vez, segundo nossa interpretação, pode ser entendida a partir de um currículo queer, ou seja, aquele que se volta para o processo da produção das diferenças e das instabilidades e para o trabalho com as identidades precárias, marginalizadas e colocadas como da ordem das patologias ou, a partir de um discurso religioso, da demonização. Essa pedagogia enfatiza queer, mais do que repassar discursos dominantes e conteúdos estritamente pedagógicos, considera a importância do pensamento crítico e questiona as suposições dominantes em relação à sexualidade e ao gênero.

Por isso, consideramos que é importante pensar a educação, ou mais especificamente, a sala de aula de Língua Portuguesa, como o ambiente propício à

<sup>14</sup> Gostaríamos de ressaltar que, embora estejamos fazendo referência nesta seção à sala de aula, neste momento inicial da pesquisa não apresentaremos propostas pedagógicas como oficinas ou Sequências Didáticas a serem aplicadas em sala de aula de Língua Portuguesa. Temos neste momento um objetivo muito singular, qual seja, refletir sobre como a Linguística Queer, a pedagogia queer e o conceito de educação linguística podem contribuir para um ensino de língua mais crítico e combativo.



subversão das ideologias dominantes e normatizadoras no ensino e aprendizagem de língua como um processo que, por meio de gêneros textuais e, ainda, por meio do estudo dos aspectos gramaticais com o intuito de estabelecer objetivos específicos, como a intenção comunicativa, pode desnaturalizar discursos que padronizam as identidades de gêneros e sexuais. Essa subversão a qual defendemos, pode se dá a partir do conceito de educação linguística ampliada pelos estudos queer.

Seguindo os passos de Mazzaro (2021), tomamos como modelos para tratar do conceito de educação linguística os trabalhos de Travaglia (2004) e Bagno e Rangel (2005). Travaglia afirma que <sup>15</sup>

uma educação linguística é necessária, importante e fundamental para as pessoas viverem bem em uma sociedade, pois, é na cultura que se veicula por uma língua e configura essa língua por meio de um trabalho de um trabalho sócio-histórico-ideológico que estabelece tanto os recursos da língua como regularidades a serem usadas para comunicar quanto os significados/ sentidos que cada recurso é capaz de pôr em jogo em uma interação comunicativa. (TRAVAGLIA, 2004, p. 23).

Esses recursos regulares da língua devem ser usados para comunicar significados o que se configura como essenciais no processo de significação e de como esse processo é estudado a partir de textos que veiculam sentidos e intenções comunicativas.

Essas significações podem ser alcançadas a partir da análise de enunciados que comportam ideologias com as quais se pode contradizer e criticar, uma vez que não são apenas os recursos linguísticos que devem ser destacados no ensino de línguas, mas uma série de conceitos como as crenças, representações e preconceitos que estão presentes na sociedade e que podem ser repensados a partir da linguagem. Assim, para Bagno e Rangel (2005), por sua vez, a educação linguística é

conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63)

Dessa forma, também nos apropriamos da concepção de língua de Bagno (2014), para quem a língua é “um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e mental que é compartilhado pelos membros de uma dada comunidade humana como recurso comunicativo” (p. 22). E como recurso comunicativo pode e deve ser utilizado para desafiar as noções tradicionais de gênero e sexualidade.

Para Marazo (2021) “como consequência dessas definições, os autores destacam que a principal tarefa da educação linguística é promover a reflexão e a ação capazes de articular as demandas sociais, a pedagogia de educação e as políticas públicas de ensino de línguas” (p. 1065). A sala de aula deve ser entendida, então, como um ambiente de aprendizagem que represente também as identidades de gêneros marginalizadas por um discurso normatizador, segundo o qual a cisheterossexualidade é o “regra”.

Diante dessa concepção pedagógica, é possível observar o quanto a pedagogia queer se faz necessária no processo de ensino e aprendizagem, por meio de uma educação linguística queer, uma vez que proporciona a possibilidade de questionar por meio da linguagem, os discursos dominantes.

Assim sendo, consideramos que este estudo é “pontapé” inicial para uma reflexão no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa, levando em consideração suas múltiplas possibilidades de formar cidadãos críticos a partir do uso da linguagem, em especial, analisar como a língua estabelece relação com questões sociais tais quais as identidades de gênero e da sexualidade, por meio dos estudos queer, numa tentativa de entender a linguagem como identidade humana, sobretudo, de emancipação em relação a qualquer forma de preconceito e discriminação.

Conforme Moita Lopes (2002), como os sujeitos queers utilizam a linguagem, a LQ pode contribuir para a compreensão do poder da linguagem como mediadora e constitutiva de nossas identidades dentro da sala de aula, já que nela estão presentes sujeitos queer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>15</sup> Mais uma vez ressaltamos que a citação que ora destacamos encontra-se em Marazzo (2005) e é a partir da leitura de seu texto que chegamos a ela. No entanto, por termos acesso à obra original, preferimos não usar o apud.

Neste texto, objetivamos apresentar, brevemente e de maneira descritiva, os pressupostos da Teoria Queer preconizado pela filósofa Judith Butler e, a partir desta, como se consolidou a chamada Linguística Queer. Não tivemos, neste momento, a intenção de propor ações pedagógicas a serem aplicadas por professores de Língua Portuguesa, como pode parecer pelo que destacamos no título.

Contudo, acredita-se que chamar a atenção para uma educação linguística que leve em conta um processo de ensino e aprendizagem a partir de um conceito de língua que, para além dos conteúdos gramaticais e de formas linguísticas, é entendida enquanto mediadora da vida humana assim como um objeto em que se manifestam questões sociais é de suma importância, já que, muitas vezes, a língua(gem) é usada para disseminar preconceitos e exclusão daqueles que não se encontram representados por discursos que apregoam a normalidade de certos sujeitos e anormalidade de outros.

Vimos que, embora a Linguística Queer seja um campo muito recente nos estudos da linguagem se consideramos que tem esses estudos têm início na década de 90, conforme historiciza Borba (2015), já apresentam uma relevância no ensino de língua, uma vez que dá lugar, voz e vez aos sujeitos queer que estão em sala aula, mitigando o preconceito e letrando criticamente os alunos em relação às questões de gênero e sexualidade, por meio de uma educação linguística queer.

Conclui-se que as duas situações vividas pela filósofa Judith Butler em terras brasileiras, nos mostram o quanto ainda precisamos discutir e desnaturalizar os discursos que perpassam uma visão cisheteronormativa como sendo a ideal e evidente, biológica e natural.

Por isso se em um primeiro momento, se os estudos queer debruçavam especialmente sobre o modo como as pessoas queer se comunicavam destacando, por exemplo, o léxico e a morfologia desses sujeitos, agora esses estudos se ampliam e buscam subverter o sistema em que os discursos heteronormativos são naturalizados. É nesse sentido que defendemos um ensino de Língua Portuguesa a partir de uma pedagogia queer e de uma educação

linguística queer.

Em razão das discussões realizadas neste texto, podemos constatar os fundamentos que proporcionaram o surgimento da Teoria Queer e, conseqüentemente, da Linguística Queer, assim como tais práticas se reverberam na sociedade contemporânea, servindo de base para compreender como essas áreas do conhecimento contribuem para o processo de desvelamento identidade pessoal, por meio de discursos que, por sua vez, podem ser capazes de desconstruir a visão pejorativa e torná-los símbolos de orgulho, identidade, representatividade e acima de tudo, de corpos resistentes diante de todo um contexto de marginalização e exclusão social, política e cultural.

Pensando nisso, buscamos através da reflexão sobre essas áreas do conhecimento, pensar a aula de Língua Portuguesa não só retratando o ensino numa perspectiva tradicional, mas também a entender esse ensino como instrumento de comunicação, interação e reflexão crítica dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- BARRET, R. Is queer theory importante for sociolinguistic theory? In: K. CAMPBELLKIBLER et al. (eds), **language and sexuality: contesting meaning in theory and practice**. Stanford, CSLI Press, p. 25-43, 2002.
- BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística**. Aplicada, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023. DOI: 10.1590/S1984-63982005000100004. Acesso em 25 de abril de 2023.
- BORBA, R. linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>. Acesso em 15 de março de 2023
- BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'**. Londres: Routledge, 1993.

- BUTLER, J. **Excitable speech, a politics of the performative**. Londres: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G. L. (Org), **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 1999.
- BUTLER, J. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escrevesobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- COLLING, L. O que perdermos com os preconceitos? **Cult – Dossiê ditadura Heteronormativa**, nº 202, ano 18, p. 22-25, 2015.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- KULICK, D. Gay and lesbian language. **Annual Review of Anthropology**, vol. 29, p.243-283, 2000.
- LIVIA, A; HALL, K. **Queerly Phrased: language, gender and sexuality**. New York: Orford University Press, 1997.
- LOURO, G. L. Teoria Queer, uma perspectiva pós-identitária para a educação. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, V.9.n.2.p.541-553, 2001.
- LOURO, G. L. “os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer”. **Labrys**, estudos feministas, agosto/dezembro, número 6. 2004.
- MAZZARO, D. **Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas**. Gragoatá, Niterói, v.26, n.56, p. 1052-1084, 2021.
- MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas**. Campinas, Mercado de Letras, 2002.
- PELÚCIO, L. **Breve história afetiva de uma teoria deslocada**. Departamento de ciências humanas, Bauru, 2014.
- SANTOS FILHO, I. I. O corpo em cenas iniciais de (re)construção da sexualidade entre homens: uma perspectiva queer de leitura. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, 2019, p. 158-183. Disponível em SANTOS FILHO, I. I. “**Ideologia de gênero**”: interpretação equivocada, repetição do equívoco. **Revista Bagoas**, n. 15, p. 33-58, 2016.